



GT 16. Antropologia, Saúde Pública e fabulações cosmopolíticas: etnografia e possibilidades simbiopoéticas de cuidar/fazer o mundo.

Coordenador(es):

José Miguel Nieto Olivar (USP - Universidade de São Paulo)

Maria Paula Prates (UFCSPA - Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre)

Colocamos em discussão três sistemas de produção de conhecimentos: a antropologia, a saúde pública e as cosmopolíticas. Trata-se de sistemas não equivalentes com relações não simétricas. Assumimos como ponto de vista a antropologia, principalmente de base etnográfica. Olhamos para a saúde pública como um campo fundamental de ação política e de gestão de novas e antigas formas de governo. Entendemos o marco cosmopolítico como um conjunto analítico e proposicional contemporâneo de extrema relevância para pensar “o mundo” nos seus limites e multiplicidades, em relação com formas possíveis de produção de conhecimento. Nos perguntamos: O que a antropologia brasileira contemporânea, objeto múltiplo e em franca transformação, tem a dizer sobre as relações possíveis entre antropologia e saúde pública no marco do conjunto de transformações e desastres que tem sido compreendidas como “fim do mundo”, Antropoceno, entre outros? Como a saúde pública pode se ver afetada no atravessamento de perspectivas antropológicas e etnográficas no marco do Fim do Mundo? Quais as possibilidades de uma antropologia da saúde, com sua tradição de corpos, curas, perturbações, saberes e emoções, no marco das propostas em curso sobre intervenções cosmopolíticas e intrusões de Gaia? Como alimentar etnograficamente os processos de cuidado, resistência, intervenção, intromissão e (re)feitura d/nos fins do(s) mundo(s), enquanto abre-se a possibilidade de reinvenção da antropologia?

Políticas públicas e mundos insubordinados: contribuições da abordagem multiespécie numa etnografia sobre o combate ao *Aedes aegypti* em Porto Alegre-RS

Autoria: Nathália dos Santos Silva (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Elisa Oberst Vargas
Este work argumenta que, no marco das transformações compreendidas como “fim do mundo”, uma abordagem antropológica pertinente à saúde pública é aquela potencializada pelo descentramento do “anthropos”. Apostamos nas “etnografias multiespécie” (KIRKSEY; HELMREICH, 2010) para considerar mundos que se fazem e desfazem no Antropoceno. Descrevê-los, afinal, passa por “repovoar” a antropologia de agenciamentos não só humanos, reorientar a atenção para as zonas de contato (VAN DOOREN, KIRKSEY, MÜNSTER, 2016; RIFIOTIS, SEGATA, 2018) ou, ao menos, reconhecer e conferir relevância ao modo como, no caso de nosso estudo, animais humanos e não humanos têm suas vidas (e mortes) entrelaçadas. Partimos de nosso work de campo para comentar as contribuições de uma abordagem antropológica multiespécie do tema da saúde pública. Entre 2017 e 2018, acompanhamos a rotina de controle de zoonoses relacionadas ao *Aedes aegypti* na Secretaria de Saúde de Porto Alegre/RS. Embora dengue, zika, chikungunya e febre amarela não sejam consideradas endêmicas nessa região, surtos ocorrem com frequência. A principal ferramenta da prefeitura é o “Monitoramento Inteligente do *Aedes aegypti*” (MI-Aedes), uma tecnologia digital adotada desde 2012 para coleta de informações (dos corpos) de mosquitos capturados e processamento de análises genéticas e geográficas do vetor e da circulação viral. Esses dados, cruzados com informações sobre casos humanos das doenças, sustentam alertas e indicações de intervenção com inseticida. Sob o signo do risco em saúde pública, o governo da vida humana faz-se através do governo da vida animal e de microorganismos (PORTER, 2013), facilitado por tecnologias digitais (SEGATA, 2017) Na



tentativa de descrever o MI-Aedes, o que acompanhamos foi o engajamento de agentes, veterinários e biólogos com insetos, formulários, tubos, substâncias químicas, gráficos, mapas e softwares em uma variedade de composições provisórias. A expectativa de progresso e precisão depositada na tecnologia foi frequentemente contrariada pela insubordinação de mosquitos, vírus e clima - que nem sempre cooperaram com o que se esperava? deles. Assim, descrevemos processos de produção de conhecimento que se fazem no encontro com mundos que extrapolam e contestam representações científicas e de Estado. Como a própria antropologia se transforma ao tentar descrever esses mundos? Que tipo de esforço etnográfico pode ser conduzido com a aceitação da proposição do Antropoceno? Essas são questões norteadoras de nossa reflexão.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: